

Produção etnociência sobre o uso de plantas em comunidades quilombolas brasileiras no século XXI

Rodrigo Vinícius Luz da Silva¹

Universidade Federal de Pernambuco

Rosely Tavares de Souza²

Universidade Federal de Pernambuco

Karina Perrelli Randau³

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Os quilombolas possuem vasto conhecimento sobre o uso de plantas, com as etnociências servindo como ferramentas de estudo desse fenômeno. Dessa forma, o presente artigo objetivou mapear a produção etnociência acerca deste tema. Realizou-se uma revisão integrativa por meio das bases de dados SciELO, PubMed, Scopus, Arca, ScienceDirect, BVS e Periódicos Capes, obtendo-se 41 artigos produzidos principalmente por instituições do Sudeste e com predominância de publicação entre 2014-2017. 59 comunidades foram estudadas, com predominância no Nordeste. Foram levantadas 1.354 espécies, com destaque para a família Asteraceae e para a espécie *Dysphania ambrosioides*. Apesar do número significativo de trabalhos, está longe de se ter uma compreensão geral sobre o tema, visto as milhares de comunidades ainda não estudadas, além da ausência de estudos em oito estados. Toda via, esse campo de pesquisas têm se mostrado fértil, com o número de artigos crescendo nas últimas décadas.

Palavras-chave: Etnobotânica; Indicadores de produção científica; Medicina tradicional; População negra; Quilombos.

¹ Graduado em Farmácia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Inovação Terapêutica da UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Dra. Amaríles Barbosa de Águiar, n. 158, Madalena, Recife, Pernambuco, Brasil, CEP: 50610-390. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-8135-3996>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1669475401162420>. **E-mail:** rodrigo_luzsilva@hotmail.com.

² Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Centro de Educação da UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Vereador Luiz Cavalcante, n. 100, Várzea, Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50740-660 **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-5903-8068>.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0564331936441135>. **E-mail:** rosely.souza@ufpe.br.

³ Doutora em Ciências Naturais (Ciências Farmacêuticas) em Química de Produtos Naturais/Fitoquímica pela Ludwig Maximilians Universität München (LMU). Professora do Departamento de Ciências Farmacêuticas e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil. Endereço para correspondência: Rua dos Ipês, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil, CEP: 50740-520. **ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-4486-4420>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5089595850981385>. **E-mail:** karina.prandau@ufpe.br.

Ethnoscience production on the use of plants in Brazilian quilombola communities in the 21st century

ABSTRACT

Quilombolas have vast knowledge about plant use, with ethnosciences serving as study tools of this phenomenon. Thus, this article aimed to map the ethnoscientific production on this theme. An integrative review was performed through the Scielo, PubMed, Scopus, Ark, ScienceDirect, BVS and periodical databases, obtaining 41 articles mainly produced by Southeast institutions and with a predominance of publication between 2014-2017. 59 communities were studied, with a predominance in the Northeast. 1,354 species were raised, highlighting the Asteraceae family and the species *Dysphania Ambrosioides*. Despite the significant number of work, it is far from having a general understanding of the subject, as thousands of communities not yet studied, as well as the absence of studies in eight states. All the way, this field of research has been fertile, with the number of articles growing in recent decades.

Keywords: Black people; Ethnobotany; Medicine, Traditional; Quilombola communities; Scientific publication indicators.

Producción etnociencia sobre el uso de plantas en comunidades quilombolas brasileñas en el siglo XXI

RESUMEN

Los quilombolas tienen un vasto conocimiento sobre el uso de la planta, con etnociencias que sirven como herramientas de estudio de este fenómeno. Por lo tanto, este artículo tenía como objetivo mapear la producción etnociencia sobre este tema. Se realizó una revisión integradora a través de Scielo, PubMed, Scopus, ARK, Sciencedirect, BVS y bases de datos periódicas, obteniendo 41 artículos producidos principalmente por las instituciones del sudeste y con un predominio de publicación entre 2014-2017. Se estudiaron 59 comunidades, con un predominio en el noreste. Se criaron 1.354 especies, destacando a la familia Asteraceae y la especie *Dysphania Ambrosioides*. A pesar del número significativo de trabajo, está lejos de tener una comprensión general del tema, ya que miles de comunidades aún no estudiadas, así como la ausencia de estudios en ocho estados. En todo el camino, este campo de investigación ha sido fértil, con el número de artículos que crecen en las últimas décadas.

Palabras clave: Etnobotánica; Indicadores de Producción Científica; Medicina Tradicional; Población Negra; Quilombola.

INTRODUÇÃO

O tráfico negreiro de africanos e o regime de trabalho forçado durante os períodos colonial e imperial do Brasil fazem parte de uma das épocas mais sombrias da história da civilização. As vítimas dessa tragédia humanitária, diferentemente do que se reforçou por muito tempo no imaginário popular, não agiam de forma passiva diante das violências que sofriam, mas sim planejavam e realizavam uma série de atitudes anticoloniais e de defesa coletiva, como se desenhou no caso da formação dos quilombos. Esses ambientes reuniam diferentes grupos étnicos de africanos e seus descendentes escravizados que realizavam a fuga dos territórios de seus autoproclamados senhores, formando, por meio dos quilombos, espaços de reconstrução de espacialidades e identidades negras (Moura, 2022).

Parte significativa da historiografia das décadas passadas também contribuiu para que a existência dos quilombos fosse considerada um lapso na história nacional, com os mesmos chegando a serem considerados extintos após o fim da escravidão. Porém, sabe-se que os

quilombos permaneceram após esse evento, resistindo até os dias atuais sob denominações como "comunidades remanescentes de quilombos", "quilombos contemporâneos" ou simplesmente "comunidades quilombolas", sendo esses espaços formados por descendentes dos quilombolas existentes no regime escravocrata (Ratts, 2021).

De acordo com estudo realizado pela Base de Informações Geográficas e Estatísticas sobre os Indígenas e Quilombolas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), calcula-se que até 2019 existiam 5.972 localidades quilombolas no Brasil (IBGE, 2019). Já os dados do Censo 2022, identificaram 3.583 comunidades possuindo certidões de autodefinição quilombola emitidas e 494 territórios quilombolas oficialmente delimitados em 24 estados, além do Distrito Federal. Por sua vez, se tratando da população, o IBGE revelou que o país possui 1.327.802 quilombolas autodeclarados, o que representa cerca de 0,65% da população, estando espalhados por 1.696 municípios brasileiros (IBGE, 2023).

Como um tipo de população tradicional, os quilombolas são conhecidos por serem detentores de uma série de conhecimentos populares, entre os quais estão os saberes envolvidos no uso de plantas para uma gama de finalidades, como é o caso do uso medicinal, alimentício, ornamental e religioso. Esses conhecimentos são considerados ancestrais, sendo repassados de geração em geração, por meio da oralidade, até a atualidade, onde as plantas continuam desempenhando papel importante nas comunidades quilombolas (Moraes *et al.*, 2023).

Para realizar a investigação do uso de plantas por determinadas populações, as etnociências e seus ramos possuem papel de destaque, visto que visam explorar os conhecimentos e saberes populares, possibilitando que esses sejam conhecidos, valorizados, investigados e, quando possível, validados através de métodos científicos. Diversos são os ramos das etnociências que podem ser empregados para o estudo do uso de plantas por meio dos seres humanos, como é o caso da etnobiologia, etnofarmacologia, etnoecologia, etnomedicina e, principalmente, da etnobotânica, utilizadas classicamente em comunidades e povos tradicionais, como é o caso da população quilombola (Gheler-Costa; Comin, 2022).

Visto que as comunidades remanescentes de quilombos brasileiras são guardiãs de saberes populares notáveis sobre o uso de recursos vegetais e que as etnociências possuem papel importante no conhecimento sobre tais saberes, a presente revisão pretende mapear a produção etnocientífica acerca deste tema, desvendando quem, onde e como esses estudos vem sendo realizados desde o início deste século, bem como avaliar os principais resultados obtidos nesses artigos acerca das plantas utilizadas e suas finalidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta é uma revisão do tipo integrativa, com abordagem qualitativa e quantitativa, tendo sido realizada entre os meses de abril e junho de 2024 com o auxílio do método PRISMA 2009 adaptado pelo autor e tendo como norteadora a seguinte questão: “como se desenha atualmente a produção etnocientífica acerca do uso de plantas em comunidades quilombolas brasileiras?”.

Para isso, foi realizada uma busca por meio das bases de dados SciELO, PubMed, Scopus, Arca, ScienceDirect, BVS e Periódicos Capes, utilizando os descritores "quilombolas communities AND plants AND Brazil" (inglês), "quilombola AND plantas AND Brasil" (espanhol) e "quilombolas OR quilombos OR quilombo AND plantas AND Brasil" (português).

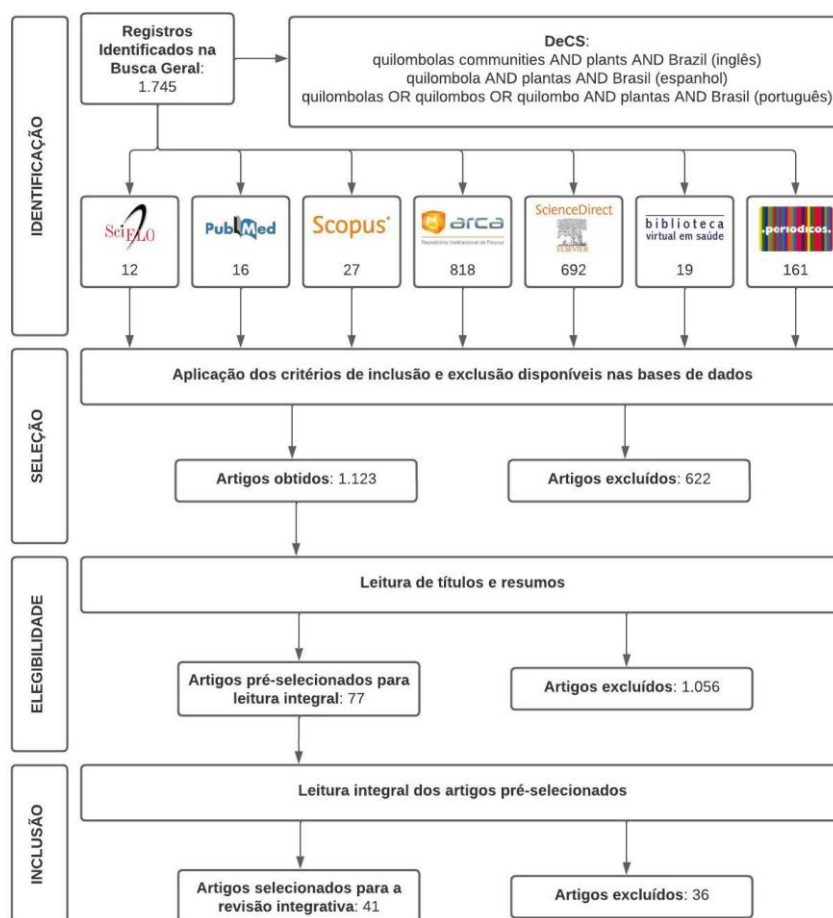
Os critérios de inclusão visaram a obtenção artigos originais, com texto disponível na íntegra, publicados entre 2001 e 2024, em português, espanhol ou inglês e que fossem estudos etnocientíficos que demonstrassem o uso de plantas em comunidades remanescentes de quilombos. Por sua vez, os critérios de exclusão visaram a não seleção de artigos repetidos; que trouxessem espécies vegetais presentes em comunidades quilombolas, mas que não tratassem sobre o seu uso; que não se encaixassem nos objetivos da revisão e demais trabalhos do que se concebe como literatura cinzenta.

Para a verificação da existência de sinonímia entre as espécies e para a confirmação das famílias botânicas das plantas foram utilizadas as plataformas POWO – Royal Botanic Gardens Kew e World of Flora Online.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa inicial nas bases de dados gerou o total de 1.745 registros. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, esse número caiu para 1.123 artigos, dos quais se realizou a leitura dos títulos e resumos, visando a pré-seleção para leitura dos textos de maneira integral. Essa etapa culminou na pré-seleção de 77 artigos, sendo 41 desses selecionados para a revisão integrativa após leitura e análise do texto completo. Esse processo pode ser visto através fluxograma da metodologia PRISMA 2009 adaptado pelo autor (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma de seleção de artigos



Fonte: Elaboração pelos autores.

O número significativo de estudos desse tipo em comunidades remanescentes de quilombos pode se dar devido a motivos como a abundância de recursos naturais preservados em seus territórios e o vasto conhecimento popular sobre eles. Dados apontam que as comunidades tradicionais são consideradas fundamentais para a conservação do meio ambiente, como pode ser visto na análise realizada pelo InfoAmazonia, divulgada em 2023, que verificou a relação dos quilombolas com a maior floresta tropical do mundo. A mesma possui 731 quilombos, dos quais 144 foram investigados e se verificou que, em 99% dos casos, possuem registros de desmatamento praticamente inalterados nos últimos 13 anos, o que coloca os quilombolas como verdadeiros escudos de preservação de biomas e guardiões da biodiversidade brasileira (Pereira, 2023).

Entre os 41 artigos selecionados, a maior parte se configura como estudos etnobotânicos, como pode ser visto no Quadro 1, cabendo salientar que alguns artigos utilizaram da etnobotânica associada a outras etnociências para o seu desenvolvimento. O alto número de estudos no ramo da etnobotânica, em comparação às demais áreas, pode ser explicado devido ao foco dado ao conhecimento tradicional envolvendo unicamente as plantas, diferentemente de etnociências como etnofarmacologia, etnomedicina e etnoecologia, onde os

recursos vegetais são apenas um dos objetos de interesse a serem pesquisados nas sociedades estudadas (Almeida-Funo *et al.*, 2010).

Sabe-se que a etnobotânica é uma das responsáveis por fornecer informações importantes sobre a relação das populações humanas com espécies vegetais, contribuindo para o desenvolvimento de ações públicas voltadas para comunidades tradicionais, como é o caso das remanescentes de quilombos. As pesquisas etnobotânicas ainda podem contribuir para o fim da fome, busca de segurança alimentar, melhoria da nutrição e promoção de agricultura sustentável (Lucena; Lucena, 2020), tópicos de interesse para as comunidades quilombolas, visto os problemas vivenciados por parte delas (Corrêa; Silva, 2022).

Se tratando do local de produção desses trabalhos, as instituições de pesquisa da região Sudeste tiveram destaque, fazendo parte da elaboração de 20 artigos, como pode ser visto no Quadro 1. De acordo com os dados e estatísticas da plataforma Lattes do CNPq, o Sudeste é a região responsável por concentrar a maior parte da produção científica do país, seja em projetos de mestrado ou doutorado, com números elevados e distantes dos obtidos pelas demais regiões. Isso pode se dar pelo motivo de que a região possui uma grande concentração de universidades públicas e outras instituições de pesquisa historicamente consolidadas. Dessa forma, o Sudeste acaba detendo a maior disponibilidade de recursos humanos e financeiros quando comparado às demais regiões do país (Sousa *et al.*, 2022), enquanto o Nordeste, por exemplo, é apenas a terceira região que mais recebe recursos de órgãos de fomento como o CNPq e a Capes (Silva *et al.*, 2019). Apesar disso, a Bahia figurou como o estado envolvido no maior número de artigos, sendo ele 11, dado que coaduna com a revisão de Pinheiro e colaboradores (2024) sobre plantas medicinais utilizadas em comunidades quilombolas do Brasil, onde a Bahia deteve a maior parte dos estudos selecionados.

No que diz respeito aos periódicos onde os artigos foram publicados, 30 revistas científicas foram responsáveis por publicar os 41 trabalhos selecionados nesta revisão, com destaque para o periódico *Acta Botanica Brasilica*, onde foram publicados 4 artigos. Outras revisões sobre estudos etnobotânicos que realizaram esse tipo de levantamento obtiveram resultados diferentes, como é o caso do promovido por Oliveira (2017), que observou a *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* como principal contribuidora na área de estudos etnobotânicos no país, porém, no presente estudo, nenhum dos artigos selecionados foi publicado no referido periódico.

Referindo-se ao período de publicação, os artigos mais recentes dataram de 2023, enquanto o mais antigo de 2010, apesar de o intervalo da pesquisa contemplar trabalhos publicados a partir de 2001, como observado no Quadro 1. Desse modo, percebe-se que o interesse pelos estudos sobre o conhecimento da flora em comunidades remanescentes de quilombos se mostra ainda como um fenômeno recente. Além disso, todos os artigos são posteriores ao Decreto Nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, esse que regulamentou os direitos territoriais das comunidades quilombolas (Brasil, 2003), trazendo uma maior visibilidade e interesse externo por essas localidades e suas riquezas baseadas em conhecimentos e práticas populares.

Quanto ao período com maior número de publicações, têm-se o quadriênio 2014-2017, com 16 artigos entre os selecionados, como pode ser observado no Quadro 1. O mesmo

resultado foi evidenciado pela revisão de Sganzerla e colaboradores (2022), que observaram o crescimento do número de estudos etnobotânicos brasileiros, principalmente entre os anos de 2014 e 2017, período onde houveram 64,7% das publicações levantadas.

Tratando-se dos autores principais das obras selecionadas, alguns figuram em mais de uma publicação, com destaque para Danilo Ribeiro de Oliveira, autor de 4 dos 41 artigos selecionados (Oliveira *et al.*, 2011a; Oliveira *et al.*, 2011b; Oliveira *et al.*, 2014; Oliveira *et al.*, 2015). De acordo com a Plataforma Lattes, o pesquisador continua desenvolvendo uma série de estudos envolvendo o uso de plantas por comunidades quilombolas (Oliveira, 2024).

Quadro 1 – Artigos selecionados para a revisão

Artigo	Etnociência	Local da autoria	Periódico	Referência
“We Also Preserve”: Quilombola Defense of Traditional Plant Management Practices Against Preservationist Bias in Mumbuca, Minas Gerais, Brazil.	Etnoecologia	Pará (Norte) e Minas Gerais (Sudeste)	Journal of Ethnobiology	Steward; Lima, 2017.
Abordagem etnobotânica continuada na comunidade remanescente de quilombo Palmeirinha, Pedras de Maria da Cruz - MG.	Etnobotânica	Minas Gerais (Sudeste)	Revista Cerrados	Mota <i>et al.</i> , 2015.
Ações de prevenção de doenças e cuidados com a saúde em uma Comunidade Quilombola de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, Brasil.	Não especificada.	Mato Grosso (Centro-Oeste)	Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde	Oliveira <i>et al.</i> , 2020.
Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization.	Etnobotânica	Amazonas (Norte), Santa Catarina (Sul) e Rio Grande do Sul (Sul)	Acta Botanica Brasilica	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
Análise etnofarmacológica de plantas medicinais em uma comunidade quilombola: ênfase em doenças crônicas	Etnofarmacologia	Amapá (Norte)	Cogitare Enfermagem	Santos <i>et al.</i> , 2023.
Aproximações etnobiológicas no conhecimento sobre plantas medicinais: possibilidades para promoção do ensino em saúde.	Etnobotânica	Mato Grosso do Sul (Centro-Oeste)	Interfaces da Educação	Vinholo Júnior; Varga, 2015.
Conhecimento botânico tradicional de mateiros em comunidades rurais da região da Serra das Almas, Paraná - BR.	Etnobotânica	Paraná (Sul)	Polibotânica	Clarindo <i>et al.</i> , 2022.
Conhecimento etnobotânico no quilombo do Castainho, Garanhuns – Pernambuco	Etnobotânica	Pernambuco (Nordeste)	Diversitas Journal	Nunes; Lima, 2023.
Diversidade de plantas em quintais quilombolas, conhecimento local sobre uso e cultivo de pimentas na Amazônia Oriental, Brasil.	Etnobotânica	Amapá (Norte), Bahia (Nordeste) e Rio de Janeiro (Sudeste)	Revista de Biologia Neotropical	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
Each person has a science of planting: plants cultivated by	Não especificada.	Mato Grosso (Centro-Oeste) e Pará (Norte)	Hoehnea	Santos; Barros, 2017.

quilombola communities of Bocaina, Mato Grosso State, Brazil				
Engaging plant anatomy and local knowledge on the buriti palm (<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.: Arecaceae): the microscopic world meets the golden grass artisan's perspective.	Etnobotânica	São Paulo (Sudeste), Distrito Federal (Centro-Oeste) e Santa Catarina (Sul)	Cultural Studies of Science Education	Viana <i>et al.</i> , 2018.
Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste)	Revista Fitos	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
Estudo Etnobotânico em Comunidades Remanescentes de Quilombo em Rio de Contas – Chapada Diamantina - Bahia	Etnobotânica	Rio de Janeiro (Sudeste) e Bahia (Nordeste)	Revista Fitos	Silva <i>et al.</i> , 2012.
Estudo etnofarmacognóstico da saracuramirá (<i>Ampelozizyphus amazonicus</i> Ducke), uma planta medicinal usada por comunidades quilombolas do Município de Oriximiná-PA, Brasil.	Etnofarmacologia	Rio de Janeiro (Sudeste) e Pará (Norte)	ACTA AMAZONICA	Oliveira <i>et al.</i> , 2011b.
Ethnobotanical and ethnopharmacological study of medicinal plants used by a traditional community in Brazil's northeastern.	Etnobotânica e Etnofarmacologia	Alagoas (Nordeste)	Brazilian Journal of Biology	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
Ethnomedicinal survey of a maroon community in Brazil's Atlantic tropical forest.	Etnomedicina	Bahia (Nordeste) e Estados Unidos.	Journal of Ethnopharmacology	Santana <i>et al.</i> , 2016.
Ethnopharmacological evaluation of medicinal plants used against malaria by quilombola communities from Oriximiná, Brazil.	Etnofarmacologia	Rio de Janeiro (Sudeste) e Minas Gerais (Sudeste)	Journal of Ethnopharmacology	Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
Ethnopharmacological studies of <i>Lippia origanoides</i> .	Etnofarmacologia	Rio de Janeiro (Sudeste)	Revista Brasileira de Farmacognosia	Oliveira <i>et al.</i> , 2014.
Ethnopharmacological versus random plant selection methods for the evaluation of the antimycobacterial activity.	Etnofarmacologia	Rio de Janeiro (Sudeste), Pará (Norte) e Rio Grande do Sul (Sul)	Revista Brasileira de Farmacognosia	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a.
Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, Brasil.	Etnobotânica	Pará (Norte)	Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais	Durão <i>et al.</i> , 2021.
Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (<i>Euterpe edulis</i> Martius) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo.	Etnobotânica e Etnoecologia	Santa Catarina (Sul)	Acta Botanica Brasilica	Barroso <i>et al.</i> , 2010.
Evaluation of conservation status of plants in Brazil's Atlantic forest: An ethnoecological approach with Quilombola communities in Serra do Mar State Park	Etnoecologia	São Paulo (Sudeste), Minas Gerais (Sudeste) e Estados Unidos	PLOS ONE	Conde <i>et al.</i> , 2020.

Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil	Etnobotânica	Ceará (Nordeste)	Floresta e Ambiente	Santos <i>et al.</i> , 2019.
Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na comunidade quilombola Carreiros, Mercês – Minas Gerais.	Etnobotânica	Minas Gerais (Sudeste)	Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável	Ferreira <i>et al.</i> , 2014.
Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil.	Etnobotânica	Minas Gerais (Sudeste), Rio de Janeiro (Sudeste), São Paulo (Sudeste) e Estados Unidos.	PLOS ONE	Conde <i>et al.</i> , 2017.
Multifunctional plants used by Quilombolas in the Castainho Community (Garanhuns, Pernambuco, Brazil).	Etnobotânica	Pernambuco (Nordeste)	Ethnobotany Research and Applications	Cruz <i>et al.</i> , 2022.
O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste)	Rodriguésia	Almeida; Bandeira, 2010.
Participatory ethnobotany: comparison between two quilombos in the Atlantic Forest, Ubatuba, São Paulo, Brazil	Etnobotânica	São Paulo (Sudeste)	PeerJ	Sauini <i>et al.</i> , 2023.
Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO.	Etnobotânica	Goiás (Centro-Oeste)	Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science	Guimarães <i>et al.</i> , 2019.
Plants utilized as medicines by residents of Quilombo da Fazenda, Núcleo Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brazil: A participatory survey.	Etnobotânica	São Paulo (Sudeste)	Journal of Ethnopharmacology	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
Práticas de cuidado de parteiras e mulheres quilombolas à luz da antropologia interpretativa.	Não especificada.	Pernambuco (Nordeste), Bahia (Nordeste), Distrito Federal (Centro-Oeste) e Rio de Janeiro (Sudeste)	Revista Brasileira em Promoção da Saúde	Bonfim <i>et al.</i> , 2018.
Quilombola ethnomedicine: The role of age, gender, and culture change	Etnomedicina	Bahia (Nordeste) e Estados Unidos.	Acta Botanica Brasilica	Santana <i>et al.</i> , 2022.
Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste) e Espírito Santo (Sudeste)	INTERAÇÕES	Mota; Dias, 2012.
Toxic plants from the perspective of a “Quilombola” community in the Cerrado region of Brazil.	Etnobotânica	Goiás (Centro-Oeste), Minas Gerais (Sudeste), São Paulo (Sudeste), Bahia	Toxicon	Paim <i>et al.</i> , 2023.

		(Nordeste) e Estados Unidos.		
Traditional Agriculture and Food Sovereignty: Quilombola Knowledge and Management of Food Crops.	Etnobotânica	Santa Catarina (Sul)	Journal of Ethnobiology	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a “quilombola” community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil.	Etnobotânica	Paraíba (Nordeste)	Environment, Development and Sustainability	Beltreschi <i>et al.</i> , 2018.
Traditional knowledge and uses of the Caryocar brasiliense Cambess. (Pequi) by “quilombolas” of Minas Gerais, Brazil: subsidies for sustainable management.	Etnoecologia	Minas Gerais (Sudeste)	Brazilian Journal of Biology	Pinto <i>et al.</i> , 2016.
Use and Diversity of Palm (Arecaceae) Resources in Central Western Brazil.	Etnobotânica	Distrito Federal (Centro-Oeste), São Paulo (Sudeste) e Pernambuco (Nordeste).	The Scientific World Journal	Martins <i>et al.</i> , 2014.
Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil.	Etnobotânica	Espírito Santos (Sudeste) e Rio de Janeiro (Sudeste)	Biodiversity and Conservation	Crepaldi; Peixoto, 2010.
Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste)	Acta Botanica Brasílica	Gomes; Bandeira, 2012.
Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste)	Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável	Oliveira, 2015.

Fonte: Elaboração pelos autores.

Nos 41 artigos selecionados para a revisão, foram estudadas 59 comunidades quilombolas e 2 territórios dos quais os autores não especificaram as localidades pesquisadas.

Quanto às regiões, Nordeste foi a que figurou com mais localidades estudadas, totalizando 18, seguida do Sudeste, Norte, Centro-Oeste e Sul, com 17, 12, 8 e 5, respectivamente, como pode ser observado no Quadro 2. A nível de comparação, quando debruçados sobre os estudos etnobotânicos envolvendo indígenas brasileiros, Rocha e Marisco (2016) evidenciaram que a região Nordeste era onde mais se realizavam estudos desse tipo com a população originária.

Os resultados sobre as regiões mais estudadas coadunam com aquelas que possuem mais localidades quilombolas de acordo com o IBGE (2019; 2023), visto que Nordeste, Sudeste e Norte são, decrescentemente, as regiões com o maior número de localidades no país, assim como são as regiões com o maior número de comunidades pesquisadas nos artigos levantados. Porém, Nordeste e Sudeste aparecem com quase o mesmo número comunidades estudadas cada, enquanto de acordo com os levantamentos do IBGE, o Nordeste possui 3.171 localidades,

mais que o dobro das contidas no Sudeste, que totaliza 1.359. Dessa forma, a proximidade dos números das comunidades estudadas pode ter ocorrido devido ao resultado observado anteriormente, de que a região Sudeste é aquela que mais fez parte da produção das pesquisas contidas nos artigos levantados nesta revisão.

No que se refere aos estados, foram encontrados estudos em comunidades de 16 deles, sendo Bahia, São Paulo, Minas Gerais e Pará os detentores do maior número de comunidades investigadas, com 14, 9, 7 e 6, respectivamente, como apontado no Quadro 2. O resultado expressivo de comunidades estudadas na Bahia, assim como o estado ser aquele com o maior número de produção científica na área, também pode ser explicado por meio dos levantamentos do IBGE. Segundo o Instituto, a Bahia é o estado com o maior número de localidades listadas, possuindo 1.046 no total (IBGE, 2019). Em contrapartida, o Maranhão, detentor da maioria das comunidades com certificado de autodefinição (IBGE, 2023), não deteve nenhuma comunidade entre as citadas nos artigos selecionados. Essa discrepância pode ser comparada com o caso do estado de São Paulo, que apesar de ser apenas o 11º estado com mais localidades quilombolas, é o segundo mais citado na presente revisão (IBGE, 2019; IBGE, 2023).

Quanto aos biomas estudados, a Mata Atlântica foi aquele que teve destaque, com 18 artigos sendo realizados em comunidades localizadas nesta floresta tropical, como pode ser visto no Quadro 2. A nível de comparação, o estudo Morais e colaboradores (2023), que investigou a produção etnobotânica em comunidades quilombolas presentes na Mata Atlântica, observou 15 artigos produzidos em localidades presentes no bioma. Por sua vez, a revisão realizada por Santos-Fonseca e Coelho-Ferreira (2024), acerca do conhecimento sobre o uso de plantas medicinais por mulheres quilombolas brasileiras, apontou que a maior parte das espécies citadas nos estudos aliados eram estabelecidas no bioma da Caatinga.

Quadro 2 – Comunidades estudadas nos artigos selecionados

Região	Comunidade	Localização	Bioma	Referência
	Curralinho	Macapá (AP)	Amazônia	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	Curiaú (Território)	Macapá (AP)	Amazônia	Santos <i>et al.</i> , 2023.
	Curiaú de Fora	Macapá (AP)	Amazônia	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	Curiaú de Dentro	Macapá (AP)	Amazônia	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	São Francisco da Casa Grande	Macapá (AP)	Amazônia	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	Arancuã-de-Cima	Oriximiná (PA)	Amazônia	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b; Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Bacabal	Oriximiná (PA)	Amazônia	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b;

Norte				Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Jauari	Oriximiná (PA)	Amazônia	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b; Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Pancada	Oriximiná (PA)	Amazônia	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b; Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Porto Alegre	Cametá (PA)	Amazônia	Durão <i>et al.</i> , 2021
	Serrinha	Oriximiná (PA)	Amazônia	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b; Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Mumbuca	Jalapão (TO)	Cerrado	Viana <i>et al.</i> , 2018.
	Prata	Jalapão (TO)	Cerrado	Viana <i>et al.</i> , 2018.
	Pau D'arco	Arapiraca (AL)	Caatinga	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
	Baixa dos Quelês	Jeremoabo (BA)	Caatinga	Almeida; Bandeira, 2010.
	Bananal	Rio da Contas (BA)	Caatinga	Silva <i>et al.</i> , 2012.
	Barra	Rio da Contas (BA)	Caatinga	Silva <i>et al.</i> , 2012.
	Casinhas	Jeremoabo (BA)	Caatinga	Almeida; Bandeira, 2010; Gomes; Bandeira, 2012.
	Furadinho	Vitória da Conquista (BA)	Caatinga e Mata Atlântica	Oliveira, 2015.
	Helvécia	Nova Viçosa (BA)	Mata Atlântica	Mota; Dias, 2012.
	Lagoinha	São Gabriel (BA)	Caatinga	Bonfim <i>et al.</i> , 2018

Nordeste	Salamina/Putumujú (Território)	Maragogipe (BA)	Mata Atlântica	Santana <i>et al.</i> , 2016; Santana <i>et al.</i> , 2022.
	Dunda	Maragogipe (BA)	Mata Atlântica	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Ferreiro	Maragogipe (BA)	Mata Atlântica	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Tororó	Maragogipe (BA)	Mata Atlântica	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Olaria	Maragogipe (BA)	Mata Atlântica	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Piripau	Maragogipe (BA)	Mata Atlântica	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Forte Salamina	Maragogipe (BA)	Mata Atlântica	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Serra do Evaristo	Baturité (CE)	Caatinga	Santos <i>et al.</i> , 2019.
	Ipiranga	Conde (PB)	Caatinga	Beltreschi <i>et al.</i> , 2018.
	Castainho	Garanhus (PE)	Caatinga e Mata Atlântica	Cruz <i>et al.</i> , 2022; Nunes; Lima, 2023.
Centro-Oeste	Ana Laura	Piracanjuba (GO)	Cerrado	Guimarães <i>et al.</i> , 2019.
	Engenho II	Cavalcante (GO)	Cerrado	Martins <i>et al.</i> 2014; Paim <i>et al.</i> , 2023.
	Vão das Almas	Cavalcante (GO)	Cerrado	Paim <i>et al.</i> , 2023.
	Vão do Moleque	Cavalcante (GO)	Cerrado	Paim <i>et al.</i> , 2023.
	Mutuca	Nossa Senhora do Livramento (MT)	Cerrado e Pantanal	Oliveira <i>et al.</i> , 2020.
	Pé de Galinha	Porto Estrela (MT)	Cerrado	Santos; Barros, 2017.
	Sete Barreiros	Porto Estrela (MT)	Cerrado	Santos; Barros, 2017.
	Furnas do Dionísio	Jaguari (MS)	Cerrado	Vinholi Júnior; Varga, 2015.
Sul	Palmital dos Pretos	Campo Largo (PR)	Mata Atlântica	Clarindo <i>et al.</i> , 2022.
	Aldeia	Garopaba (SC)	Mata Atlântica	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
	Fortunato	Garopaba (SC)	Mata Atlântica	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
	Santa Cruz	Paulo Lopes (SC)	Mata Atlântica	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
	São Roque	Praia Grande (SC)	Mata Atlântica	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
	Cachoeira do Retiro	Santa Leopoldina (ES)	Mata Atlântica	Crepaldi; Peixoto, 2010.

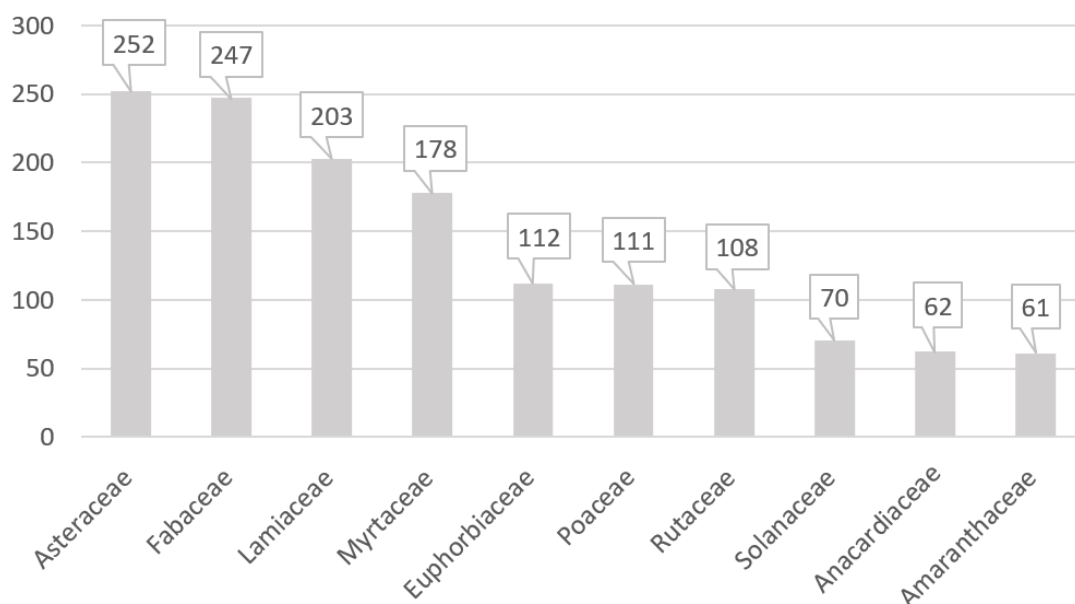
Sudeste	Carreiros	Mercês (MG)	Mata Atlântica	Ferreira <i>et al.</i> , 2014.
	Palmeirinha	Pedras de Maria da Cruz (MG)	Caatinga e Cerrado	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Pontinha	Paraopeba (MG)	Cerrado	Pinto <i>et al.</i> , 2016.
	Cachoeira	Jequitinhonha (MG)	Mata Atlântica	Steward; Lima., 2017.
	Laranjeiras	Jequitinhonha (MG)	Mata Atlântica	Steward; Lima., 2017.
	São Sebastião da Boa Vista	Santos Dumont (MG)	Mata Atlântica	Conde <i>et al.</i> , 2017.
	São Bento	Santos Dumont (MG)	Mata Atlântica	Conde <i>et al.</i> , 2017.
	Galvão	Eldorado (SP)	Mata Atlântica	Barroso <i>et al.</i> , 2010.
	Ivaporunduva	Eldorado (SP)	Mata Atlântica	Barroso <i>et al.</i> , 2010.
	Mandira	Cananéia (SP)	Mata Atlântica	Barroso <i>et al.</i> , 2010.
	Nhunguara	Eldorado (SP)	Mata Atlântica	Barroso <i>et al.</i> , 2010.
	Pedro Cubas	Eldorado (SP)	Mata Atlântica	Barroso <i>et al.</i> , 2010.
	Quilombo da Fazenda	Ubatuba (SP)	Mata Atlântica	Conde <i>et al.</i> , 2020; Sauini <i>et al.</i> , 2023; Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
	Quilombo do Cambury	Ubatuba (SP)	Mata Atlântica	Conde <i>et al.</i> , 2020; Sauini <i>et al.</i> , 2023.
	São Pedro	Eldorado (SP)	Mata Atlântica	Barroso <i>et al.</i> , 2010.
	Sapatu	Eldorado (SP)	Mata Atlântica	Barroso <i>et al.</i> , 2010.

Fonte: Elaboração pelos autores.

Além do Distrito Federal, os estados do Piauí, Rio Grande do Sul, Amazonas, Sergipe, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rondônia também são detentores de localidades quilombolas de acordo com o IBGE (2019), porém, não obtiveram nenhuma comunidade que constasse entre os artigos selecionados.

Tratando-se dos dados botânicos levantados pelos estudos, a família Asteraceae teve grande destaque, com suas espécies sendo citadas 252 vezes. Outras famílias botânicas também atingiram centenas de menções, como é o caso dos táxons Fabaceae e Lamiaceae, como pode ser observado na Figura 2, onde estão explicitadas as dez famílias mais citadas por meio dos artigos selecionados.

Figura 2 – Famílias botânicas mais citadas entre os artigos selecionados

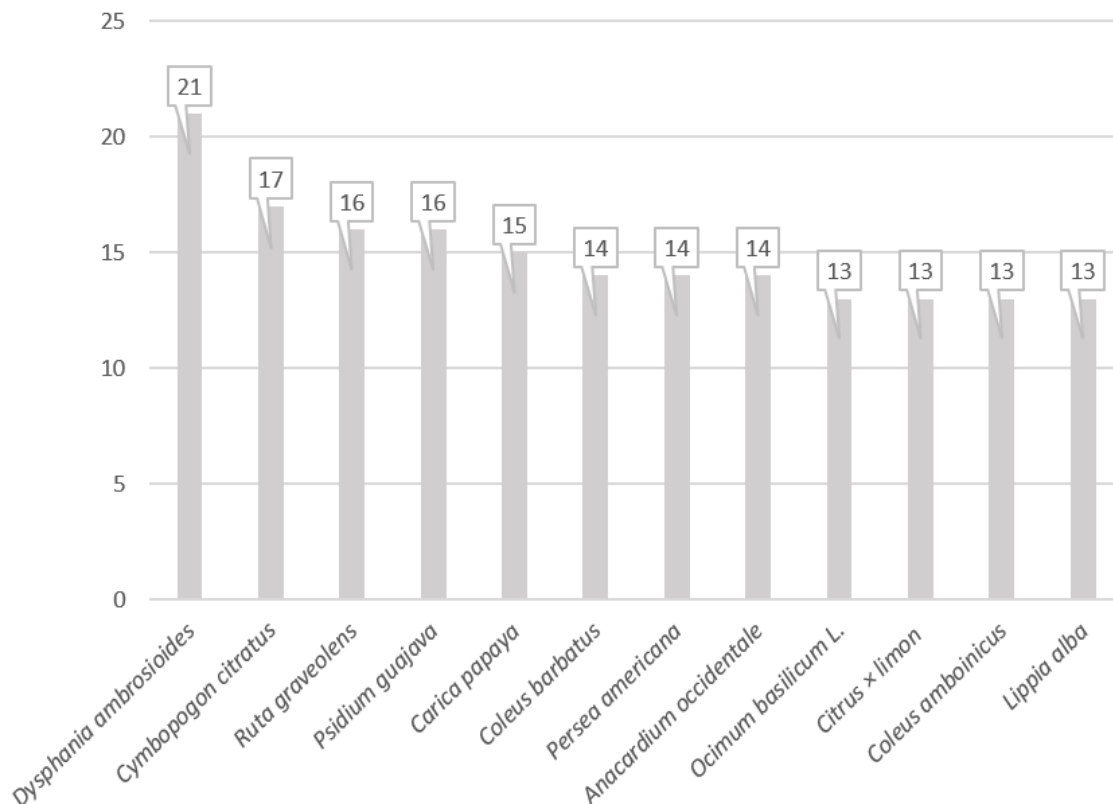


Fonte: Elaboração dos autores.

A predominância de espécies das famílias Asteraceae, Fabaceae e Lamiaceae pode ser observada em outros artigos de revisão, como é o caso do estudo já citado de Sganzerla e colaboradores (2022), que tratou sobre a produção etnobotânica brasileira. No que se refere à família Asteraceae, têm-se a mesma considerada como a maior família botânica do mundo (Di Stasi; Hiruma-Lima, 2002), enquanto Fabaceae e Lamiaceae também figuram nos rankings de maiores famílias botânicas do planeta (Aghakhan *et al.*, 2018).

Quanto às espécies, ao menos 1.354 etnoespécies diferentes figuraram entre as presentes nas comunidades quilombolas estudadas, com *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants sendo a mais mencionada, detendo 21 citações. A espécie também foi destaque na revisão elaborada por Santos-Fonseca e Coelho-Ferreira (2024), sendo apontada como a segunda espécie mais utilizada pelas comunidades quilombolas investigadas pelos autores. Apontada principalmente pelo nome popular “mastruz”, a planta é considerada nativa de todas as regiões do Brasil, o que pode explicar seu alto índice de citações, além de também ser definida como uma espécie de distribuição global (POWO, 2024). As demais espécies mais citadas podem ser observadas no gráfico da Figura 3.

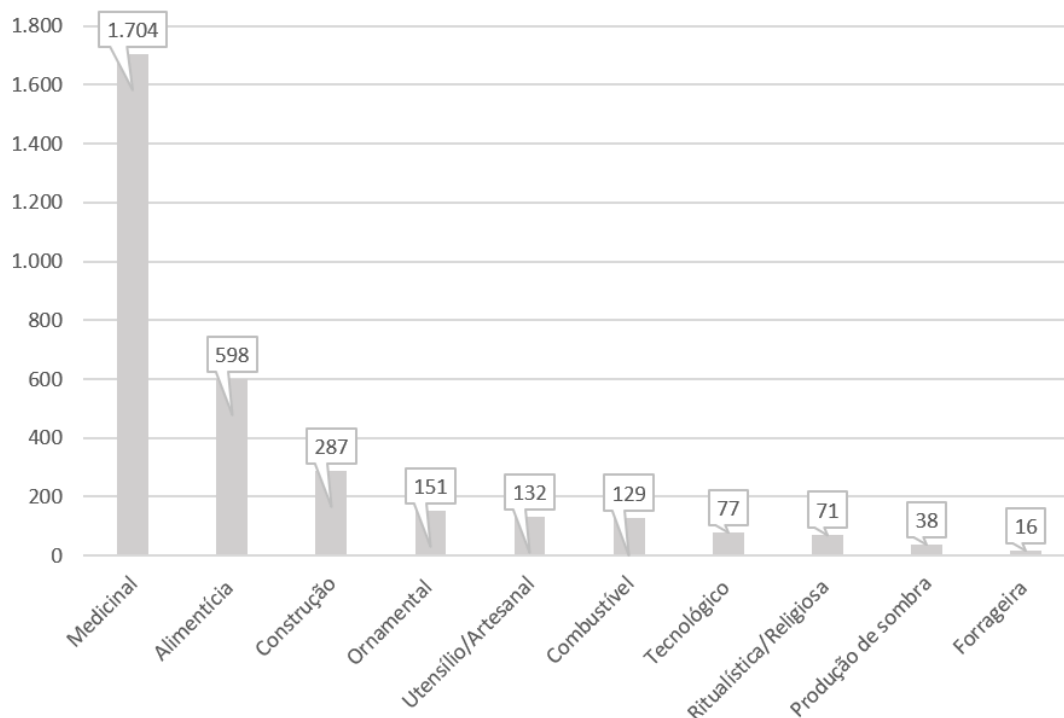
Figura 3 – Espécies vegetais mais citadas entre os artigos selecionados



Fonte: Elaboração dos autores.

A grande maioria das espécies citadas foi indicada a partir de sua utilização medicinal, visto que o apontamento de plantas como terapêuticas ocorreu 1.704 vezes, como exposto no gráfico representado na Figura 4. O número de citações de uso ultrapassa o número de espécies pois muitas destas últimas foram citadas mais de uma vez ao longo dos 41 artigos selecionados. Além disso, diversas plantas também obtiveram mais de uma indicação de uso.

Figura 4 – Tipos de uso mais citados para as plantas presentes nos artigos selecionados



Fonte: Elaboração dos autores.

O fato de que as plantas foram indicadas mais vezes como medicinais coincide com o dado levantado no trabalho de Queiroga e Colaboradores (2023), no qual se realizou um estudo bibliométrico sobre a produção etnobotânica brasileira, onde a finalidade terapêutica também foi a mais citada entre os estudos encontrados.

A predominância do uso medicinal pode ocorrer por vários motivos, como os altos custos de medicamentos industrializados diante da vulnerabilidade econômica vivenciada por diversas comunidades, a ineficácia ou inexistência do sistema público de saúde em localidades quilombolas ou em suas proximidades, o medo dos efeitos colaterais de medicamentos pela falta do acesso à informação e a resistência cultural e do conhecimento tradicional (Oliveira, 2015). Esse fato ainda pode ser explicado pelo motivo de que os quilombolas possuem suas próprias compreensões sobre o que é saúde e doença, o que os fazem utilizar de técnicas próprias e naturais de cuidado e de cura (Gama *et al.*, 2019).

CONCLUSÕES

Se observa a existência de um número significativo de trabalhos sobre o uso de plantas em comunidades quilombolas, porém longe de serem suficientes para o entendimento sobre a temática de uma forma geral, visto que o Brasil possui cerca de 6 mil dessas localidades. Além disso, o crescimento de trabalhos publicados nos últimos anos demonstra que a área é de interesse recente, principalmente após a aprovação de legislações sobre comunidades remanescentes de quilombos e do destaque cada vez maior que vem tendo o debate étnico-racial no Brasil.

Os estudos selecionados indicaram uma variedade de etnociências aplicadas, diferentes autorias de diversas localidades e uma gama de periódicos diferentes responsáveis pelas publicações, indicando uma abertura e aceitação para desenvolvimento de estudos sobre temática. Quanto à variedade de comunidades estudadas em diferentes estados de todas as regiões, se observa a importância de investigar localidades espelhadas por todo o país, visto que as culturas e os conhecimentos populares tendem a se modificar de acordo com a localização geográfica. Dessa forma, se enxerga como negativo o não aparecimento de 8 estados neste levantamento, apesar de os mesmos possuírem comunidades quilombolas em seus territórios.

Quanto às famílias botânicas e espécies encontradas nos artigos selecionados, se observou uma gama de resultados, evidenciando a riqueza e diversidade da flora brasileira, mesmo com a pesquisa sendo delimitada apenas aos estudos realizados em comunidades remanescentes de quilombos. Além disso, a grande variedade de usos relatados para as plantas demonstra a riqueza dos saberes quilombolas acerca da utilização de espécies vegetais, especialmente as de cunho medicinal.

De modo geral, os artigos selecionados revelam a importância desse tipo de estudo para as comunidades quilombolas e para a ligação entre os saberes populares e científicos, também servindo para a imortalização de seus saberes tradicionais tão ameaçados e para a promoção do devido reconhecimento e destaque que essa população deve ter diante de seus conhecimentos e contribuições para o resto da sociedade.

REFERÊNCIAS.

AGHAKHANI, F.; KHARAZIAN, N.; LORI GOOINI, Z. Flavonoid Constituents of *Phlomis* (Lamiaceae) Species Using Liquid Chromatography Mass Spectrometry. **Phytochemical Analysis**, v. 29, n. 2, p. 180–195, 5 out. 2018. <https://doi.org/10.1002/pca.2733>

ALMEIDA, V. S.; BANDEIRA, F. P. S. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguésia**, v. 61, n. 2, p. 195–209, 1 jun. 2010. <https://doi.org/10.1590/2175-7860201061204>

ALMEIDA-FUNO, I. C. S.; PINHEIRO, C. U. B.; MONTELES, J. S.. Identificação de tensores ambientais nos ecossistemas aquáticos da área de proteção ambiental (APA) da Baixada Maranhense. **Rev. Bras. de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 74-85, 2010. <https://periodicos.unb.br/index.php/rbagroecologia/article/view/49076>

ÁVILA, J. V. C.; MELLO, A. S.; BERETTA, M. E.; TREVISAN, R.; FIASCHI, P.; HANAZAKI, N.. Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization. **Acta Botanica Brasilica**, v. 31, n. 1, p. 1-10, jan./mar. 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-33062016abb0299>

BARROSO, R. M.; REIS, A.; HANAZAKI, N. Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (*Euterpe edulis* Martius) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, p. 518–528, 1 jun. 2010.. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062010000200022>

BELTRESCHI, L.; DE LIMA, R. B.; DA CRUZ, D. D. Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a “quilombola” community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil. **Environment, Development and Sustainability**, v. 21, n. 3, p. 1185–1203, 11 jan. 2018. <https://doi.org/10.1007/s10668-017-0079-6>

BONFIM, J. O.; PRADO, I. F.; BOA SORTE, E. T.; COUTO, P. L. S.; FRANÇA, N. M.; GOMES, A. M. T. Práticas de cuidado de parteiras e mulheres quilombolas à luz da antropologia interpretativa. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 31, n. 3, p. 1-11, jul./set. 2018. <http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/7081>

BRASIL. Casa Civil. **Decreto Nº 4.887 de 20 de novembro de 2003**. Brasília - DF. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm Acesso em: 26 mai. 2024.

CLARINDO, F.; STANISKI, A.; STRACHULSKI, J. Conhecimento botânico tradicional de mateiros em comunidades rurais da Região da Serra das Almas, Paraná-BR. **Polibotanica**, n. 53, p. 219-238, 15 jan. 2022. <https://doi.org/10.18387/polibotanica.53.15>

CONDE, B. E.; TICKTIN, T.; FONSECA, A. S.; MACEDO, A. L.; ORSI, T. O.; CHEDIER, L. M.. RODRIGUES, E.; PIMENTA, D. S. Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil. **PLOS ONE**, 2017. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0187599>

CONDE, B. E.; ARAGAKI, S.; TICKTIN, T.; FONSECA, A. S.; YAZBEK, P. B.; SAUINI, T.; RODRIGUES, E. Evaluation of conservation status of plants in Brazil’s Atlantic forest: An ethnoecological approach with Quilombola communities in Serra do Mar State Park. **PLOS ONE**, 2020. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0238914>

CORRÊA, N. A. F.; SILVA, H. P. Comida de quilombo e a desnutrição infantil na Amazônia Paraense: uma análise com base no mapeamento da insegurança alimentar e nutricional. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 29, 2022. <https://doi.org/10.20396/san.v29i00.8670218>

CREPALDI, M. O. S.; PEIXOTO, A. L. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodivers Conserv**, v. 19, p. 37-60, 1 jan. 2010. <https://doi.org/10.1007/s10531-009-9700-9>

CRUZ, M. P. D. L.; NUNES, A. T.; OLIVEIRA, A. F. M., CAVALCANTI, L. H. Multifunctional plants used by Quilombolas in the Castainho Community (Garanhuns, Pernambuco, Brazil). **Ethnobotany Research and Applications**, v. 24, 14 out. 2022. <http://dx.doi.org/10.32859/era.24.13.1-12>

DI STASI, Luiz Claudio; HIRUMA-LIMA, Clélia Akiko. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp. 2002.

DURÃO, H. L. G. *et al.* Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências**

Naturais, Belém, v. 16, n. 2, p. 245-258, 7 set. 2021. <http://doi.org/10.46357/bcnaturais.v16i2.191>

FERREIRA, F. M. C.; LOURENÇO, F. J. C.; BALIZA, D. P.. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na comunidade quilombola Carreiros, Mercês – Minas Gerais. **Revista Verde**, Pombal, v. 9, n. 3, p. 205-212, 22 set. 2014. <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/2612>

GAMA, P. A.; SOUZA, T. C.; BORGES, W. D.; CASTRO, N. J. C. Práticas de cuidado e cura no quilombo Abacatal. **Mundo Amazônico**, v. 10, n. 1, p. 225-242, 2019. <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v10n1.66610>

GHELER-COSTA, Carla; COMIN, Fábio H. **Etnociências**. 1. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2022.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Bortanica Brasileira**, v. 26, n. 4, p. 796-809, dez. 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062012000400009>

GONÇALVES, M. C.; SILVA, F. R.; HANAZAKI, N. Traditional Agriculture and Food Sovereignty: Quilombola Knowledge and Management of Food Crops. **Journal of Ethnobiology**, v. 42, n. 2, p. 241-260, 19 jul. 2022. <https://doi.org/10.2993/0278-0771-42.2.241>

GUIMARÃES, B. O.; OLIVEIRA, A. P. DE; MORAIS, I. L. DE. Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 8, n. 3, p. 196–220, 1 set. 2019. <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2019v8i3.p196-220>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Quilombolas no Brasil**. Educa IBGE Jovens. 2019. Disponível em: [https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html#:~:text=O%20IBGE%20n%C3%A3o%20tem%20uma,de%20localidades%20ind%C3%ADgenas%20\(827\)](https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html#:~:text=O%20IBGE%20n%C3%A3o%20tem%20uma,de%20localidades%20ind%C3%ADgenas%20(827)) Acesso em: 25 mai. 2024.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**: quilombolas: primeiros resultados do universo. 1. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102016>

LISBOA, M. S.; PINTO, A. S.; BARRETO, P. A.; RAMOS, Y. J.; SILVA, M. Q. O. R.; CAPUTO, M. C.; ALMEIDA, M. Z. Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-118, 2017. <http://dx.doi.org/10.5935/2446-4775.20170006>

LUCENA, Camilla Marques; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de. Histórico, definição e importância da etnobotânica. In: LUCENA, R. F. P. et al. (org.). **Perspectivas e avanços na Etnobiologia**: Uma avaliação na Conferência Internacional do Brasil. 1. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. <https://www.nutrir.com.vc/horta/Etnobiologia.pdf>

MAGALHÃES, P. K. A.; ARAUJO, E. N.; SANTOS, A. M.; VANDERLEI, M. B.; SOUZA, C. C. L.; CORREIRA, M. S.; FONSECA, S. A.; PAVÃO, J. M. J. S.; SOUZA, M. A.; COSTA, J. G.; SANTOS, A. F.; MATOS-ROCHA, T. J. Ethnobotanical and ethnopharmacological study of medicinal plants used by a traditional community in Brazil's northeastern. **Brazilian Journal of Biology**, v. 82, p. 1-11, 2022. <https://doi.org/10.1590/1519-6984.237642>

MARTINS, R. C.; FILGUEIRAS, T. DE S.; ALBUQUERQUE, U. P. Use and Diversity of Palm (Arecaceae) Resources in Central Western Brazil. **The Scientific World Journal**, v. 2014, p. 1-14, 2014. <http://dx.doi.org/10.1155/2014/942043>

MORAIS, B. P.; GONÇALVES, M. C.; HANAZAKI, N. Quem faz e onde está a produção acadêmica etnobotânica em comunidades quilombolas da Mata Atlântica? **ETHNOSCIENTIA**, v. 8, n. 1, p. 52-69, 2023. <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscientia.v8i1/11575>

MOTA, R. S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 13, n. 2, p. 151-159, jul./dez. 2012. <https://doi.org/10.1590/S1518-70122012000200002>

MOTA, L. L. S.; RODRIGUES, M. M.; JONES, K. M.; LACERDA, G. A. Abordagem etnobotânica continuada na comunidade remanescente de quilombo Palmeirinha, Pedras de Maria da Cruz - MG. **Revista Cerrados**, Montes Claros, v. 13, n. 1, p. 156-172, dez. 2015. <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/1428>

MOURA, Clóvis. **Quilombos e a rebelião negra**. 1. ed. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

NUNES, A. T.; LIMA, R. S. Conhecimento etnobotânico no quilombo do Castainho, Garanhuns – Pernambuco. **Diversitas Journal**, v. 8, n. 4, p. 2843-2680, 10 abr. 2023. <https://doi.org/10.48017/dj.v8i2.2556>

OLIVEIRA, D. R.; LEITÃO, G. G.; COELHO, T. S.; SILVA, P. E. A.; LOURENÇO, M. C. S. Ethnopharmacological versus random plant selection methods for the evaluation of the antimycobacterial activity. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 21, n. 5, p. 793-806, set./out. 2011a. <https://doi.org/10.1590/S0102-695X2011005000084>

OLIVEIRA, D. R.; COSTA, A. L. M. A.; LEITÃO, G. G.; CASTRO, N. G.; SANTOS, J. P. Estudo etnofarmacognóstico da saracuramirá (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), uma planta medicinal usada por comunidades quilombolas do Município de Oriximiná-PA, Brasil. **ACTA AMAZONICA**, v. 41, n. 3, p. 383-392, 2011b. <https://doi.org/10.1590/S0044-59672011000300008>

OLIVEIRA, D. R.; LEITÃO, G. G.; FERNANDES, P. D.; LEITÃO, S. G. Ethnopharmacological studies of *Lippia origanoides*. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 24, p. 206-214, mar. 2014. <http://dx.doi.org/10.1016/j.bjp.2014.03.001>

OLIVEIRA, D. R.; KRETTLI, A. U.; AGUIAR, A. C. C.; LEITÃO, G. G.; VIEIRA, M. N.; MARTINS, K. S.; LEITÃO, S. G. Ethnopharmacological evaluation of medicinal plants used

against malaria by quilombola communities from Oriximiná, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 173, p. 424-434, set. 2015b. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jep.2015.07.035>

OLIVEIRA, L. R. Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista Verde**, Pombal, v. 10, n. 3, p. 25-31, jul./set. 2015. <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/3408>

OLIVEIRAA, V. J. D. S. DE. Caracterização das Produções Científicas Sobre Levantamento Etnobotânico de Plantas Medicinais: Revisão Integrativa. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v. 21, n. 1, p. 42, 4 jul. 2017. <https://doi.org/10.17921/1415-6938.2017v21n1p42-47>

OLIVEIRA, L. B.; OSTI, P. A.; MARTINHO, N. J. Ações de prevenção de doenças e cuidados com a saúde em uma Comunidade Quilombola de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, Vitória, v. 22, n. 3, p. 15-22, jul./set. 2020. <https://doi.org/10.47456/rbps.v22i3.27899>

OLIVEIRA, Danilo Ribeiro de. **Currículo do sistema Currículo Lattes**. [Brasília], 22 fev. 2024. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7659041851675992> Acesso em: 23 mai. 2024.

PAIM, R. C. S.; de PAULA, L. G. F.; SOARES, D. M.; ROCHA, T. F. G.; RIBEIRO, A. L.; BARROS, N.; SANTOS, F. C.; FERREIRA, H. D.; GOMES-KLEIN, V. L.; SOTO-BLANCO, B.; OLIVEIRA-FILHO, J. P.; CUNHA, P. H. J.. RIET-CORREA, F.; PFISTER, J.; COOK, D.. FIORAVANTI, M. C. S.; BOTELHO, A. F. M. Toxic plants from the perspective of a “Quilombola” community in the Cerrado region of Brazil. **Toxicon**, v. 224, 18 jan. 2023. <https://doi.org/10.1016/j.toxicon.2023.107028>

PEREIRA, L. A.; LIMA-BARBOSA, J. R.; ALMEIDA, M. Z.; GUIMARÃES, E. F. Diversidade de plantas em quintais quilombolas, conhecimento local sobre uso e cultivo de pimentas na Amazônia Oriental, Brasil. **Revista de Biologia Neotropical**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2017. <https://doi.org/10.5216/rbn.v1i1.22521>

PEREIRA, Jullie. **Quilombolas formam escudos de preservação da floresta na Amazônia Legal**. INFOAMAZONIA, 2023. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2023/05/22/quilombolas-formam-escudos-de-preservacao-da-floresta-na-amazonia-legal/> Acesso em: 27 mai. 2024.

PINHEIRO, J. D. C.; FERREIRA, B. R.; AMARAL, F. M. M.; VARGA, I. V. D.; GODINHO, J. W. L. S.. FIRMO, W. C. A.; VILANOVA, C. M.; COSTA, G. A. P. Espécies vegetais utilizadas em comunidades Quilombolas: uma revisão integrativa. **Revista Observatório de La Economia Latinoamericana**, v. 22, n. 2, p. 1-26, 28 fev. 2024. <https://doi.org/10.55905/oelv22n2-245>

PINTO, L. C. L.; MORAIS, L. M. O.; GUIMARÃES, A. Q.; ALMADA, E. D.; BARBOSA, P. M.; DRUMOND, M. A. Traditional knowledge and uses of the Caryocar brasiliense Cambess. (Pequi) by “quilombolas” of Minas Gerais, Brazil: subsidies for sustainable

management. **Brazilian Journal of Biology.**, v. 76, n. 2, p. 511-519, 5 abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1519-6984.22914>

POWO. *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants. Royal Botanic Gardens, Kew. 2024. Disponível em: <https://powo.science.kew.org/taxon/urn:lsid:ipni.org:names:1198060-2>
Acesso em: 27 mai. 2024.

QUEIROGA, I. C. G.; CRUZ, T. V.; NAREZI, G.; SOUZA, V. L.; NOVAIS, D. P. S.; SOUSA, A. C.; BRITO, J. V. S. ETNOBOTÂNICA NO BRASIL - UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO (2010-2020). **ETNOBIOLOGÍA**, v. 21, n. 2, p. 36, 2023. <https://www.revistaetnobiologia.mx/index.php/etno/article/view/512>

RATTS, Alex. **Uma História Feita por Mãos Negras**: Beatriz Nascimento. 1. ed. São Paulo: Zahar, 2021.

ROCHA, R. MARISCO. G. Estudos etnobotânicos em comunidades indígenas no Brasil. **Revista Fitos**, v. 10, n. 2, p. 95-219, abr./jun. 2016. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19250>

SANTANA, B. F.; VOEKS, R. A.; FUNCH, L. S. Quilombola ethnomedicine: The role of age, gender, and culture change. **Acta Botanica Brasilica**, v. 36, 1 jan. 2022. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-33062020abb0500>

SANTANA, B. F.; VOEKS, R. A.; FUNCH, L. S. Ethnomedicinal survey of a maroon community in Brazil's Atlantic tropical forest. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 181, p. 37-49, abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jep.2016.01.014>

SANTOS, T. A. C.; BARROS, F. B. Each person has a science of planting: plants cultivated by quilombola communities of Bocaina, Mato Grosso State, Brazil. **Hoehnea**, v. 44, n. 2, p. 211-235, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-8906-37/2016>

SANTOS, J. A. DOS; SILVEIRA, A. P.; GOMES, V. DOS S. Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil. **Floresta e Ambiente**, v. 26, 23 maio 2019. <https://doi.org/10.1590/2179-8087.093217>

SANTOS, T. G.; AMARAL, R. R.; VIEITAS, D. R. I.; MONTEIRO NETO, M. A. B. Análise etnofarmacológica de plantas medicinais em uma comunidade quilombola: Ênfase em doenças crônicas. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, p. e88742, 27 nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.1590/ce.v28i0.88742>

SANTOS-FONSECA, D. J.; COELHO-FERREIRA, M. Literature review on the knowledge of the use of medicinal plants in the health care of brazilian quilombola women. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 17, n. 2, p. 1326-1350, 14 mar. 2024. <https://doi.org/10.26848/rbgf.v17.2.p1326-1350>

SGANZERLA, C. M. Revisão integrativa aplicada a levantamentos etnobotânicos de plantas medicinais no Brasil. **Acta Ambiental Catarinense - Unochapecó**. v. 19, n. 1, p. 1-16, 2022 <http://dx.doi.org/10.24021/raac.v19i1.6365>

SANTOS, T. A. C.; BARROS, F. B. Each person has a science of planting: plants cultivated by quilombola communities of Bocaina, Mato Grosso State, Brazil. **Hoehnea**, v. 44, n. 2, p. 211-235, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-8906-37/2016>

SANTOS, J. A. DOS; SILVEIRA, A. P.; GOMES, V. DOS S. Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil. **Floresta e Ambiente**, v. 26, 23 maio 2019. <https://doi.org/10.1590/2179-8087.093217>

SAUINI, T.; SANTOS, P. H. G.; ALBUQUERQUE, U. P.; YAZBEK, P.; CRUZ, C.; BARRETTO, E. H. P.; SANTOS, M. A.; GOMES, M. A. S.; SANTOS, G.; BRAGA, S.; GARCIA, R. J. F.; HONDA, S.; MATTA, P.; ARAGAI, S.; UENO, A.; RODRIGUES, E. Participatory ethnobotany: comparison between two quilombos in the Atlantic Forest, Ubatuba, São Paulo, Brazil. **PeerJ**, v. 11, e. 16231, 7 nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.7717/peerj.16231>

SILVA, L. L.; AZEVEDO FILHO, E. T.; HORA, H. R. M. Financiamento de Ciência e Tecnologia: Uma análise sobre a Região Sudeste. **Revista Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, v. 17, p. 11-25, 2019. <https://doi.org/10.12957/cdf.2019.56429>

SOUSA, F. C. A.; LUZ, J. S. N.; COSTA, L. L. S.; SOUSA NETO, F. A.; NASCIMENTO, T. H. M.; SILVA, W. A. S.; BARREIROS, M. H. M.; SILVA, A. K. S.; SILVA, L. H. C.; SILVA, S. F.; SOUSA, W. C. Perfil de pesquisadores científicos das regiões nordeste e sudeste do Brasil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, 17 fev. 2022. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26334>

STEWART, A. M.; LIMA, M. D. “We Also Preserve”: Quilombola Defense of Traditional Plant Management Practices Against Preservationist Ideas in Mumbuca, Minas Gerais, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 37, n. 1, p. 141-165, 29 mar. 2017. <https://doi.org/10.2993/0278-0771-37.1.141>

VIANA, R. V. R.; SCATENA, V. L.; EICHEMBERG, M. T.; SANO, P. T. Engaging plant anatomy and local knowledge on the buriti palm (*Mauritia flexuosa* L.f.: Arecaceae): the microscopic world meets the golden grass artisan’s perspective. **Cultural Studies of Science Education**, v. 13, p. 253-265, 2018. <https://doi.org/10.1007/s11422-016-9785-x>

VINHOLI JÚNIOR, A. J.; VARGA, L. A. Aproximações etnobiológicas no conhecimento sobre plantas medicinais: possibilidades para promoção do ensino em saúde. **Interfaces da Educação**, Parnaíba, v. 6, n. 17, p. 162-187, 2015. <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/751>

YAZBEK, P. B.; MOTTA, P.; SANTOS, G.; BRAGA, S.; ASSUNÇÃO, L.; SAUINI, T.; CASSAS, F.; GARCIA, R. J. F.; HONDA, S.; BARRETO, E. H. P.; RODRIGUES, E. Plants utilized as medicines by residents of Quilombo da Fazenda, Núcleo Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brazil: A participatory survey. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 244, 15 nov. 2019. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2019.112123>

HISTÓRICO

Submetido: 14 de agosto de 2024.

Aprovado: 15 de novembro de 2024.

Publicado: 26 de novembro de 2024.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

SILVA, R. V. L.; Souza, R. T.; RANDAU, K, P. Produção etnocientífica sobre o uso de plantas em comunidades quilombolas brasileiras no século XXI. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 2, n. 13, e202024016, 2024.